

tando a única força que anula as exigências da Lei de Talião, dentro do universo infinito.

337. — *“Concilia-te depressa com o teu adversário”. — Essa é a palavra do Evangelho, mas se o adversário não estiver de acordo com o bom desejo de fraternidade, como efetuar semelhante conciliação?*

— Cumpra cada qual o seu dever evangélico, buscando o adversário para a reconciliação precisa, olvidando a ofensa recebida. Perseverando a atitude rancorosa daquele, seja a questão esquecida pela fraternidade sincera, porque o propósito de represalia, em si mesmo, já constitui uma chaga viva para quantos o conservam no coração.

338. — *Por que teria Jesus aconselhado perdoar “setenta vezes sete”?*

— A Terra é um plano de experiências e resgates por vezes bastante penosos, e aquele que se sintia ofendido por alguém, não deve esquecer que ele próprio pôde também errar setenta vezes sete.

339. — *Em se falando de perdão, poderemos ser esclarecidos quanto à natureza do odio?*

— O odio pôde traduzir-se nas chamadas aversões instintivas, dentro das quais ha muito de animalidade, que cada homem alijará de si, com os valores da auto-educação, afim-de que o seu entendimento seja elevado á uma condição superior.

Todavia, na maior parte das vezes, o odio é o germe do amor que foi sufocado e desvirtuado por um coração sem Evangelho. As grandes expressões afetivas convertidas nas paixões desorientadas, sem uma compreensão legítima do amor sublime, incendeiam-se no íntimo, por vezes, no instante das tempestades morais da vida, deixando atrás de si as expressões amargas do odio, como carvões que enegrecem a alma.

Só a evangelização do homem espiritual poderá conduzir as criaturas a um plano superior de compreen-

são, de modo que jamais as energias afetivas se convertam em forças destruidoras do coração.

340. — *Perdão e esquecimento devem significar a mesma cousa?*

— Para a convenção do mundo, o perdão significa renunciar á vingança, sem que o ofendido precise olvidar plenamente a falta do seu irmão; todavia, para o espírito evangelizado, perdão e esquecimento devem caminhar juntos, embora prevaleça para todos os instantes da existencia a necessidade de oração e vigilância.

Aliás, a propria lei da reencarnação nos ensina que só o esquecimento do passado pôde preparar a alvorada da redenção.

341. — *Os espíritos de nossa convivência na Terra, que partem para o Além sem experimentar a luz do perdão, podem sofrer com as nossas opiniões acusatorias, relativamente aos atos de sua vida?*

— A entidade desencarnada muito sofre com o juízo ingrato ou precipitado que, a seu respeito, se formula no mundo.

Imaginaí-vos recebendo o julgamento de um irmão de humanidade e avaliai como desejaríeis a lembrança daquilo que possuíis de bom, afim-de que o mal não prevaleça em vossa estrada, sufocando-vos as melhores esperanças de regeneração.

Em lembrando aquele que vos precedeu no túmulo, tende compaixão dos que erraram e sêde fraternos.

Rememorar o bem é dar vida á felicidade. Esquecer o êrro é exterminar o mal. Além de tudo, não devemos esquecer que seremos julgados pela mesma medida com que julgarmos.

FRATERNIDADE

349. — *A resposta de Jesus aos seus discípulos — “Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos”, é um incitamento á edificação da fraternidade universal?*

— O Senhor referia-se á precariedade dos laços do sangue, estabelecendo a fórmula do amor que não deve estar circunscrita ao ambiente particular, mas ligada ao ambiente universal, em cujas estradas deveremos observar e ajudar, fraternalmente, a todos os necessitados, desde os aparentemente mais felizes, aos mais desvalidos da sorte.

343. — *Nas leis da fraternidade, como reconhecer, na Terra, o espírito em missão?*

— Precisamos considerar que o espírito em missão experimenta, igualmente, as suas provas no trabalho a realizar, com a diferença de permanecer menos acessível ao efeito dos sofrimentos humanos, pela condição de superioridade espiritual.

Podereis, todavia, identificar a missão da alma pelos atos e palavras, na exemplificação e no ensino da tarefa que foi chamada a cumprir, porque um emissario de amor deixa em todos os seus passos o luminoso sêlo do bem.

344. — *O “amor ao próximo” deve ser levado até mesmo á sujeição, ás ousadias e brutalidades das criaturas menos educadas na lição evangélica, sendo que o ofendido deve tolerá-las humildemente, sem o direito de esclarecê-las, relativamente aos seus erros?*

— O amor ao próximo inclue o esclarecimento fraterno, a todo o tempo em que se faça útil e necessário. A sujeição passiva ao atrevimento ou á grosseria pôde dilatar os processos da força e da agressividade; mas, em recebendo as suas manifestações, saiba o crente pulveriza-las com o máximo de serenidade e bom senso, afim-de que sejam exterminadas em sua fonte de origem, sem possibilidades de renovação.

Esclarecer é também amar.

Toda a questão reside em bem sabermos explicar, sem expressões de personalismo prejudicial, ainda que com a maior contribuição de energia, para que o erro ou o desvio do bem não prevaleçam.

Quanto aos processos de esclarecimento, devem eles dispensar, em qualquer tempo e situação, o concurso da força física, sendo justo que demonstrem as nuances de energia, requeridas pelas circunstancias, variando, desse modo, de conformidade com os acontecimentos e com fundamento invariavel no bem geral.

345. — *O preceito evangélico “se alguém te bater numa face, apresenta-lhe a outra”, deve ser observado pelo cristão, mesmo quando seja vítima de agressão corporal não provocada?*

— O homem terrestre, com as suas taras seculares, tem inventado numerosos recursos humanos para justificar a chamada “legítima defesa”, mas a realidade é que toda a defesa da criatura está em Deus.

Somos de parecer que, agindo o homem com a chave da fraternidade cristã, pôde-se extinguir o fermento da agressão, com a luz do bem e da serenidade moral.

Acreditando, contudo, no fracasso de todas as tentativas pacíficas, o cristão sincero, na sua feição individual, nunca deverá cair ao nível do agressor, sabendo estabelecer, em todas as circunstancias, a diferença entre os seus valores morais e os instintos animalizados da violencia física.

346. — *Nas lutas da vida, como levar a fraternidade evangélica áqueles que mais estimamos, se, por vezes, nosso esforço pôde ser mal interpretado, conduzindo-nos a situações mais penosas?*

— De conformidade com os desígnios evangélicos, compete-nos esclarecer aos nossos semelhantes com amor fraternal, em todas as circunstancias desagradáveis da existencia, como desejaríamos ser assistidos, irmãmente, em situação idêntica a dos que se encontram sem tranquilidade; mas, se o atrito dos instintos animalizados prevalece naqueles a quem mais desejamos serenidade e paz, convêm deixar-lhes as energias, depois de nossos

esforços supremos em trabalho de purificação, na violência que escolheram, até que possam experimentar a serenidade mental imprescindível para se beneficiarem com as manifestações afetuosas do amor e da verdade.

347. — *A Terra é escola de fraternidade, ou penitenciária de regeneração?*

— A Terra deve ser considerada uma escola de fraternidade para o aperfeiçoamento e regeneração dos espíritos encarnados.

As almas que aí se encontram em tarefas purificadoras, muitas vezes colimam o resgate de dívidas assaz penosas. Daí o motivo da maioria encontrar um sabor amargo nos trabalhos do mundo, que se lhes afigura rude penitenciária, cheia de gemidos e de aflições.

A verdade incontestável é que os aspectos divinos da natureza serão sempre magníficos e luminosos, porém, cada espírito os verá pelo prisma do seu coração; mas na dor como na alegria, no trabalho feliz, como na experiência escabrosa, todas as criaturas deverão considerar a reencarnação um processo de sublime aprendizado fraternal, concedido por Deus aos seus filhos, no caminho do progresso e da redenção.

348. — *Onde a causa da indiferença dos homens pela fraternidade sincera, observando-se que ha geralmente em todos grande entusiasmo pela hegemonia material de seus grupos, suas cidades, clubes e agremiações onde se verifique a evidencia pessoal?*

— É que as criaturas, de um modo geral, ainda têm muito da tribu, encontrando-se encarceradas nos instintos propriamente humanos, na luta das posições e das aquisições, dentro de um egoísmo quasi feroz, como se guardassem consigo, indefinidamente, as heranças da vida animal. Todavia, é preciso recordar que, após a eclosão desses entusiasmos, ha sempre o gôsto amargo da inutilidade no íntimo dos espíritos desiludidos da precária hegemonia do mundo, instante esse em que a alma

experimenta a dilatação de suas tendências profundas para o "mais alto". Nessa hora, a fraternidade conquista uma nova expressão no íntimo da criatura, afirmando que o espírito possa alçar o grande vôo para os mais gloriosos destinos.

349. — *Fraternidade e igualdade podem, na Terra, merecer um conceito só?*

— Já observamos que o conceito igualitário absoluto é impossível no mundo, dada a heterogeneidade das tendências, sentimentos e posições evolutivas no círculo da individualidade. A fraternidade, porém, é a lei da assistência mútua e da solidariedade comum, sem a qual todo progresso, no planeta, seria praticamente impossível.

350. — *Pode a fraternidade manifestar-se sem a abnegação?*

— Fraternidade pôde traduzir-se por cooperação sincera e legítima, em todos os trabalhos da vida e, em toda a cooperação verdadeira, o personalismo não pôde subsistir, salientando-se que quem coopera cede sempre alguma cousa de si mesmo, dando o testemunho de abnegação, sem a qual a fraternidade não se manifestaria no mundo, de modo algum.

351. — *Como entender o "amor a nós mesmos", segundo a fórmula do Evangelho?*

— O amor a nós mesmos deve ser interpretado como a necessidade de oração e de vigilância, que todos os homens são obrigados a observar.

Amar a nós mesmos não será a vulgarização de uma nova teoria de auto-adoração. Para nós outros, a egolatria já teve o seu fim, porque o nosso problema é de iluminação íntima, na marcha para Deus. Esse amor, portanto, deve traduzir-se em esforço proprio, em auto-educação, em observação do dever, em obediência às leis de realização e de trabalho, em perseverança na fé, em

desejo sincero de aprender com o único Mestre que é Jesus Cristo.

Quem se ilumina cumpre a missão da luz sobre a Terra. E a luz não necessita de outros processos para revelar a verdade, senão o de irradiar espontaneamente o tesouro de si mesma.

Necessitamos encarar essa nova fórmula de amor a nós mesmos, conciente de que todo bem conseguido por nós, em proveito do próximo, não é senão o bem de nossa própria alma, em virtude da realidade de uma só lei, que é a do amor e um só dispensador dos bens, que é Deus.

IV

ESPIRITISMO

FÉ

352. — *Devemos reconhecer no espiritismo o cristianismo redivivo?*

— O espiritismo evangélico é o Consolador prometido por Jesus, que, pela voz dos seres redimidos espalha as luzes divinas por toda a Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que cobre os ensinamentos na sua feição de cristianismo redivivo, afim-de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo.

353. — *O espiritismo veio ao mundo para substituir as outras crenças?*

— O Consolador, como Jesus, terá de afirmar igualmente: — “Eu não vim destruir a Lei”.

O espiritismo não pôde guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas sim trabalhar por trans-

formá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista.

A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das glórias efêmeras dos triunfos materiais. Esclarecendo o erro religioso onde quer que se encontre e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em varios departamentos, ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus Cristo.

354. — *Poder-se-á definir o que é ter fé?*

— Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade.

Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer “eu creio”, mas afirmar “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pôde estagnar em nenhuma circunstancia da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido.

Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”.

355. — *Será fé acreditar sem raciocínio?*

— Acreditar é uma expressão de crença, dentro da qual os legítimos valores da fé se encontram embrionários.

O ato de crer em alguma cousa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio, para que a alma edifique a fé em si própria. Admitir as afirmativas